

A vida é um livro que começa na página 40

Por Fernando Barrichelo

NA ERA DA TV ABERTA, era comum chegar a um filme já em andamento, sem escolha de horário ou ponto de partida. Você ligava a televisão e se deparava com uma cena em curso — alguém chorando, alguém fugindo — sem saber o que tinha vindo antes. Ainda assim, assistia até o fim. E, nesse gesto aparentemente banal, fazia algo importante: **deduzia o contexto, inventava causas, preenchia lacunas**. Era preciso montar a história de trás pra frente, só com os pedaços disponíveis. E, curiosamente, não saber tudo desde o começo não atrapalhava — tornava a experiência até mais interessante e criativa.

Com os livros, a lógica parece ser o contrário: existe uma ordem clara, quase sagrada, que pede para começarmos pelo início. Romances são construídos com cuidado — os personagens são apresentados aos poucos, os capítulos seguem uma sequência — e sair disso parece uma violação. **Ninguém começa pela página 40 sem motivo**. Talvez porque, na leitura, ainda temos a sensação de que estamos no controle: achamos que só vamos entender o final se soubermos como tudo começou, como se a história só fizesse sentido se fosse seguida do jeito certo.

Na vida, ao contrário dos livros, **ninguém nos oferece o primeiro capítulo**. Conhecemos as pessoas no meio do caminho, já marcadas por histórias que não vimos, feridas que não sabemos de onde vieram, escolhas que parecem sem sentido. Cada relação humana é como entrar numa história em andamento: tentamos entender os sinais, interpretar os silêncios,

captar o que ficou subentendido. Sem essas hipóteses improvisadas, não conseguimos lidar com a complexidade do outro. E, por mais que perguntemos ou escutemos, sempre haverá uma parte da história que permanecerá inacessível.

Então, já pensou, por curiosidade, em **começar um livro na página 40**? Pode parecer absurdo, mas esse gesto carrega um desafio filosófico: abrir mão do conforto da ordem e explicação que o começo oferece. Ler um romance fora de ordem, então, vira um experimento: exige interpretar sem base e aceitar o caos antes da clareza. Esse esforço talvez revele

algo mais verdadeiro sobre o tempo e as relações humanas. Começar no meio é mais fiel à experiência real.

Ao começar uma história pelo meio, o leitor se torna algo mais do que espectador: vira coautor. Precisa imaginar o que veio antes para dar sentido ao que tem diante de si, criando um passado plausível, mesmo que inventado. E, se em algum momento decide voltar ao início, é

para confrontar suas hipóteses com os fatos. Como na vida, conhecemos pessoas sem saber seus primeiros capítulos — e só mais tarde ouvimos fragmentos do que veio antes.

A vida exige interpretação constante e a disposição de conviver com a dúvida. A beleza talvez esteja justamente nisso: em construir significado sem ter acesso a todas as informações. Em amar pessoas cujos primeiros capítulos nunca lemos. **E continuar, mesmo sem saber como tudo começou**.



FERNANDO BARRICHELO é executivo, mas escreve sobre pensamentos e raciocínios. Ou seja, sobre a vida e sobre todos nós.